

COMENTÁRIOS COMO NARRATIVAS: HISTÓRIAS DE SEXISMO EM CONTEXTO FAMILIAR NA INTERNET

COMMENTS AS NARRATIVES: STORIES OF SEXISM IN THE FAMILY CONTEXT ON THE INTERNET

Gabriela Viol Valle **1**
Lucas Felipe de Oliveira Santiago **2**

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi analisar como narrativas são criadas a partir de comentários em uma postagem da plataforma Youtube sobre o tema “Machismo”, de modo a analisar sua estruturação e as questões sociais envolvidas na temática que estimularam as narradoras na construção de sua história. As narrativas em questão foram geradas em contexto de comunicação on-line. Dessa forma, os comentários como narrativas, diferentemente da entrevista, são construídos em contextos espontâneos de interação. Os posicionamentos teóricos que nortearam nossa análise foram as noções labovianas de narrativa e de pequenas narrativas alinhadas a uma perspectiva interacional. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa interpretativista. Percebemos através da análise do corpus selecionado que as narrativas como comentários podem apresentar tanto uma estrutura majoritariamente canônica, quanto também ser construídas de outras formas, a partir de outras estratégias que não labovianas e de modo a funcionar como uma ferramenta argumentativa, uma característica comum em pequenas narrativas.

Palavras-chave: Narrativas. Comentários. Sexismo. Interação. Internet.

Abstract: The objective of this research was to analyze how narratives are created from comments in a post on the Youtube platform on the theme “Machismo”, in order to analyze its structure and the social issues involved in the theme that stimulated the narrator in the construction of his story. The narratives in question are generated in the context of on-line communication. Thus, comments as narratives, unlike the interview, are constructed in spontaneous contexts of interaction. The theoretical positions that guided our analysis were the Labovian notions of narrative and short narratives aligned to an interactional perspective. The methodology used was of an interpretative qualitative nature. It is possible to perceive through the analysis of the selected corpus that the narratives as comments can present both a mostly canonical structure, and also be constructed in other ways, using different strategies from Labovian proposals. In addition, narratives work in this type of interaction as an argumentative tool, which is common in small narratives.

Keywords: Narratives. Comments. Sexism. Interaction. Internet.

Mestranda em Estudos da Linguagem (PUC-Rio); Especialista em Português para Estrangeiros, (UFF); Graduada em Letras (UFRJ); Graduada em Psicologia (UNESA).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5662223019134026>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9306-1800>.
E-mail: gabrielaviol@hotmail.com

Mestrando em Estudos da Linguagem (PUC-Rio); Especialista em Literaturas Africanas e Portuguesa (UFRJ); Graduado em Letras (UFF).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9635762597738041>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3646-3563>.
E-mail: lucas-felipe46@hotmail.com

Agradecemos ao CNPq pelas bolsas de fomento concedidas.

Introdução

Desde que a internet se tornou parte da rotina dos indivíduos, é muito comum que eles a utilizem para as mais diversas funções. Uma delas, que será o foco desta pesquisa, é o uso da internet para interagir através das redes sociais. Dependendo da plataforma, os sujeitos se comportam e aparecem de determinada maneira. Todavia, é um consenso que o recurso dos comentários é utilizado como um modo de as pessoas exporem suas opiniões, seja qual for o formato de escrita proposto neles: um conselho, uma discordância, uma concordância, uma exposição de ideia ou, até mesmo, narrativas, o que irá nos interessar para a nossa análise.

O espaço dos comentários surgiu, então, como uma forma de possibilitar aos indivíduos a se colocarem, se posicionarem ou até mesmo se descobrirem diante de diversos temas. Quando uma postagem provocativa é compartilhada nas redes, é natural que as pessoas se vejam instigadas a responder mostrando seus pontos de vista e refletindo sobre variados assuntos.

Com o avanço do movimento feminista, o que era privado passou a ser público. O lugar da mulher, as relações familiares, a divisão de trabalho toma o centro da discussão em diversas esferas, tanto offline, quanto nos espaços on-line de convivência social, como veremos neste artigo.

Assim, a importância desta pesquisa se dá na medida em que buscamos refletir como pequenas narrativas são construídas em forma de comentários. Os comentários selecionados se desenvolveram em torno de um problema latente na nossa sociedade: o sexismo. Nosso intuito é observar os meios adotados para a composição da narrativa e como podemos notar a construção identitária na interação.

De modo geral, o objetivo da nossa pesquisa é analisar os comentários feitos em um *post* publicado na aba comunidade do canal *Quebrando o Tabu*, no *Youtube*. Ao olharmos para os comentários, perceberemos a necessidade de refletir sobre como esse tipo de interação pode se construir como narrativas.

Sobre as narrativas, buscaremos entender, com base em uma perspectiva sociointeracional, como, através de histórias, nos projetamos identitariamente, nos posicionamos, nos colocamos em grupos sociais e avaliamos nossas ações, assim como as dos outros. Isso demonstra o quão rico é esse recurso e como ele pode se tornar um elemento chave para a prática de entendimento da vida social (BASTOS; BIAR, 2015). Tal característica nos responde o porquê de as narrativas terem se tornado objeto central de vários estudos de diversas áreas de conhecimento.

Tendo como reflexão tais questões tratadas acima, procuramos perceber como se deu o processo de construção das narrativas como comentários selecionados. Para isso, usamos as noções labovianas de narrativa ([1972], no prelo); a concepção de pequenas narrativas, segundo Georgakopoulou (2007) e Bamberg e Georgakopoulou (2008), alinhados a uma perspectiva sociointeracional (PEREIRA, 2015; PEREIRA; CORTEZ, 2011; BASTOS, 2005, 2004; e MOITA LOPES, 2002).

Sexismo

Nos anos 70, as ciências sociais presenciaram uma mudança de rumo epistemológico. Tal mudança foi marcada pela presença de discussões políticas em torno do feminismo. Os novos posicionamentos epistemológicos surgem a partir da ideia de ruptura com a construção de essencialismos que naturalizam papéis de gênero e a condição de subalternização feminina. O determinismo biológico passa a ser desmantelado. O gênero, dessa forma, começa a ser entendido não como algo estável e coerente, muito menos homogêneo, mas sim como uma construção social.

Retornando aos estudos de Goffman (1976, p. 76), refletimos “que não existe identidade de gênero. Existe apenas uma programação para a representação do gênero”. O gênero é entendido em seu caráter performativo, como postula Butler (2019). Dessa forma, se existe identidade de gênero é somente no sentido performativo, da ação, ou seja, na construção social situada no discurso. Com isso, temos a concepção de que a identidade não é algo natural, mas constituído na esfera internacional, na relação do ser com seus interlocutores. Nesse sentido, o gênero pode sofrer mudanças, visto que se trata de

[...] uma repetição estilizada de actos no tempo, e não

uma identidade aparentemente homogênea, então as possibilidades de transformação de gênero devem ser encontradas na relação arbitrária entre esses actos, isto é, na possibilidade de um tipo de repetição diferente, e na quebra ou repetição subversiva desse estilo (BUTLER, 2011, p. 70).

Esses posicionamentos em torno das influências feministas passaram a fazer com que questões antes dadas como pertencentes à esfera privada, adentrassem o espaço de discussão da esfera pública. Esse é o caso presente nos dados que iremos analisar, que trata sobre sexismo e, mais especificamente, sobre a divisão de trabalho entre mulheres e homens nas tarefas domésticas.

A posição feminina, ligada sempre ao trabalho do lar, passa a ser discutida e revista. A ideia de homens provedores e mulheres cuidadoras, que antes era dada como natural e parte de uma essência masculina e feminina, respectivamente, são refletidas no intuito de examinar as relações assimétricas de poder envolvidas nessas relações sociais.

Com as revoluções industriais, culturais e econômicas, a mulher adentra no mercado de trabalho e, conseqüentemente, começa a atuar também no âmbito público. No entanto, o trabalho do lar ainda continuou sendo muito ligado e atrelado ao papel social do feminino. Com isso, Sousa e Rocha (2016, p. 125) refletem que

A divisão do trabalho proveniente das “relações sociais de sexo” reservou às mulheres a esfera reprodutiva e aos homens, a esfera produtiva, estabelecendo uma relação assimétrica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade. As relações sociais entre os sexos se apresentam desiguais, hierarquizadas, marcadas pela exploração e opressão de um sexo em contraponto à supremacia do outro.

A ideologia da mulher como dona de casa se implementou socialmente em consequência do fato de que o mercado de trabalho era composto, majoritariamente, por homens. Todavia, mesmo sabendo que já não vivemos mais essa realidade, notamos uma forte presença de ideias patriarcais que sugerem o lugar da mulher como sendo o de mãe, esposa e do lar.

Dessa forma, apesar de estarmos passando há um bom tempo pelo processo de inserção da mulher na sociedade de forma integral, ainda lidamos com muitos conflitos sobre os papéis tanto da mulher, quanto do homem. Dar espaço para o sexo feminino no mercado de trabalho não traz necessariamente uma visão de igualdade entre os gêneros, embora, os dois ocupem, muitas vezes, as mesmas posições. Percebemos tais questões quando vemos que os salários, por exemplo, continuam desiguais e que as tarefas domiciliares continuam sendo idealizadas como uma obrigação da mulher. Com isso, criou-se uma visão de “mulher multitarefas”, em que ela precisa, agora, não só ser mãe, esposa, do lar, mas também provedora, enquanto o homem continuaria com a característica principal de provedor.

O grande questionamento em cima do conceito de ‘multitarefa’ introduzido na sociedade é o porquê isso não é designado, também, aos homens. O fato é que existe uma tendência de padronização de comportamentos sexistas que são passados de geração em geração, que são repetitivos e que acabam reforçando o sistema patriarcal e machista que pode ser observado ainda nos dias de hoje, como veremos, a seguir, nos relatos das narrativas selecionadas para análise.

Concepções de Narrativa

A todo tempo, estamos contando histórias na nossa vida social. Segundo Sacks (2007), é através do ato de narrar que organizamos as nossas experiências e o nosso conhecimento de mundo. O autor, ao falar sobre narrativa, destaca que estamos sempre tentando ser “normais”. É nesse sentido que ele postula sobre a narrativa ser uma poderosa ferramenta para nos ocuparmos em sermos comuns.

Pedro Garcez (2001), em seu texto *Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana*, reflete que o ato de narrar estórias é um processo natural e que possui uma estrutura lógica, em que existe turno dos narradores, além de retratar a subjetividade, a identidade e a realidade social de cada um dos envolvidos no decorrer desse processo. Dessa forma, concluímos que o ato de narrar é algo espontâneo do ser humano, mas que, mesmo assim, a narrativa possui uma estruturação e alguns elementos definem o tipo de narrativa desenvolvida.

Nos tópicos, a seguir, refletiremos sobre algumas teorizações de formas narrativas que podem surgir nas interações sociais.

O modelo Laboviano de narrativa

A definição mais recorrente sobre narrativa é a de Labov ([1972], no prelo), sendo, inclusive, nomeadas como “narrativas canônicas” aquelas que se propõem a seguir fielmente o modelo do autor. O sociolinguista define a narrativa como um método de recapitular experiências passadas através de um conjunto de orações e eventos. O autor defende que para ser considerada uma narrativa é necessário o mínimo de duas orações ordenadas temporalmente, o que é chamado de narrativa mínima. Além disso, é destacado que o ponto e a reportabilidade são a base de toda narrativa, pois expressam o motivo pela qual ela é contada, e o porquê de ela ser contável, respectivamente. Sobre reportabilidade, entendemos o carácter extraordinário da narrativa, pois histórias “comuns” podem fazer com o que os interlocutores percam o interesse e, com isso, que ela seja não reportável. Assim, Bastos (2004, p. 119) argumenta que:

além de ter um ponto, a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário. Acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade. Em circunstâncias normais, alguém contar que atravessou a rua no sinal não será tomado como algo contável; no entanto, se ele contar que foi assaltado ou que assistiu a uma briga no sinal, seus ouvintes vão aceitar a narrativa como contável.

Em relação à estrutura de uma narrativa, Labov ([1972], no prelo) aponta alguns tópicos para termos uma narrativa completa, ou seja, uma narrativa canônica. Sendo eles: *resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado ou solução e coda*. Para entendermos melhor cada uma dessas etapas, contamos com as seguintes definições propostas pelo autor:

- *Resumo*: um modo breve que o narrador encontra para contar a sua história, de modo que ele consiga transpassar o ápice de sua narrativa para o seu interlocutor;
- *Orientação*: a função da orientação é localizar o interlocutor na história que está sendo narrada. Sendo assim, é a orientação que nos diz o tempo, o lugar, as pessoas e a situação da narrativa;
- *Ação complicadora*: indica a sequência de fatos que aconteceram no decorrer da narrativa. Ao iniciar uma narrativa, presume-se que sequencialmente será contado o que aconteceu em seguida, o que é justamente o objetivo da ação complicadora e o que justifica o fato de que este componente da narrativa é o único obrigatório, já que sem ele não haveria narrativa;
- *Avaliação*: é o motivo pelo qual o narrador está contando a sua história, ou seja, qual é a sua intenção e/ou o seu objetivo em contá-la;
- *Resultado ou solução*: representa qual foi o desfecho da narrativa, ou seja, de que forma ela foi finalizada;
- *Coda*: representa alguma estratégia utilizada pelo narrador para indicar que a sua narrativa chegou ao fim. Em algumas situações, podem indicar como o evento passado da narrativa se relaciona com o presente, podendo, ainda, demonstrar que não há mais nada a ser dito da história -nesse último caso, chamamos de coda disjuntiva.

Assim, podemos visualizar de modo mais claro como uma narrativa canônica pode ser

constituída. Todavia, é importante esclarecer que uma narrativa pode ser construída sem que todos os tópicos apontados estejam presentes na história contada. Segundo Labov ([1972], no prelo), o único elemento essencial que precisa estar presente em todas as narrativas é a *Ação Complicadora*. O autor também propõe a existência de níveis mais simples e mais complexos de narrativa, sendo levado em conta para defini-los como um ou outro a forma como são construídas as estruturas sintáticas.

Labov ([1972], no prelo) também comenta sobre características que podem ser percebidas em algumas narrativas, as quais ele dá o nome de avaliação. Segundo o autor, existem as avaliações: externa, encaixada, por suspensão de ação, e ação avaliativa. Não nos ateremos em especificá-las neste momento, porém, mais à frente, em nossa análise, comentaremos os tipos de avaliação que podem ser notadas na narrativa coletada como objeto deste estudo.

Narrativas como comentário

Durante um longo tempo, as grandes narrativas eram o foco de investigação em pesquisas. Como grandes narrativas ou grandes histórias, entende-se narrativas longas e/ou de cunho autobiográfico, geralmente, geradas em contexto de entrevista (BAMBERG, 2006). As grandes narrativas dificilmente são contadas em contextos interacionais cotidianos, devido ao grau de engajamento entre os interlocutores, visto a demanda de tempo e atenção necessária para aquela determinada interação social.

Em contraste com as grandes narrativas, surgem as discussões trazidas por Georgakopoulou (2007) e Bamberg e Georgakopoulou (2008) sobre o que são as chamadas *pequenas narrativas ou pequenas histórias*. Sobre as pequenas narrativas, Pereira e Dias (2015, p. 95) dizem que elas “remetem a práticas sociais (cotidianas ou não) e a proposta da análise é feita sem a preocupação de satisfazer os critérios estabelecidos para as grandes narrativas”. Dessa forma, ao analisar uma pequena narrativa não é necessário que ela atenda a estrutura proposta por Labov ([1972], no prelo), por exemplo.

As pequenas narrativas podem ser tanto histórias que se remetem ao passado, quanto às que estão acontecendo naquele momento, ou até mesmo histórias hipotéticas, que podem acontecer no futuro. Noções como de orientação, por exemplo, neste tipo de perspectiva, passam “a ser parte essencial do enredo, em oposição à noção de orientação da estrutura narrativa laboviana, em que a orientação é apenas mais uma das partes da estrutura da narrativa, não sendo um item obrigatório” (PEREIRA; DIAS, 2015, p. 96).

Com isso, os estudos narrativos nesta perspectiva voltam-se para uma análise situacional das narrativas. As narrativas são entendidas como práticas sociais complexas que podem ou não atender a uma regularidade. Essa forma de análise nos possibilita entender como as narrativas emergem de formas diferenciadas para atender a contextos específicos de interação (PEREIRA; DIAS, 2015, p. 96).

O contexto em que iremos abordar as narrativas, neste trabalho, é de uma seção de comentários que são suscitados por uma postagem de um print retirado do *Youtube*, sendo algo que ocorre cotidianamente nas nossas práticas sociais. “Comentários, em tese, são modos de comunicação reativos, avaliativos e contextualmente fincados sobre o conteúdo que lhes motiva – vídeos, fotografias, textos, produtos comercializados etc.” (BIAR, PASCHOAL, 2020, p. 1055).

Nesse tipo de interação por comentários, as narrativas irão atender a uma demanda específica, visto que aqui elas terão o papel não só de contar uma história, mas também de responder a uma postagem. Assim, os comentários como narrativas podem possuir um caráter situacional e sem estrutura pré-definida, conforme as características das pequenas histórias.

O uso dos comentários se consolidou de forma natural na sociedade, e já pode ser considerado um modelo textual específico, “embora faltem descrições substanciais de comentários como gênero” (BIAR, PASCHOAL, 2020, p. 1054). Assim, apesar disso, o formato comentário de escrita das redes sociais já possui suas particularidades e normas para ser construído, a depender, claro, de todo o contexto em que ele será publicado.

Desde que as redes sociais surgiram, vivemos na era da instantaneidade, isto é, estamos, a todo momento, compartilhando opiniões e concepções de diversos assuntos, através das redes. Como a proposta de uma rede social, cujo próprio nome diz, é promover uma interação entre os

sujeitos em sociedade, os famosos comentários passaram a servir como um dos suportes para que tal interação pudesse ocorrer.

Dessa forma, ao surgirem redes como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Youtube*, que possuem a ferramenta do comentário, foi possível perceber que as pessoas as utilizam com variados objetivos, bem como responder perguntas, dar opiniões, fazer manifestos, desabafar e, até mesmo, contar histórias, material de interesse da nossa pesquisa.

Um aspecto interessante sobre a utilização dos comentários é a liberdade que o usuário das redes sociais tem para assumir variados papéis e identidades em diversos contextos interacionais. Assim, independente da veracidade das informações de uma narrativa em forma de comentário, temos acessos às histórias contadas e construídas em uma simples proposta de interação virtual. Desse modo, além das ações sequenciais imediatas – concordar, discordar, xingar, sugerir etc. –, os comentários inscrevem diferentes atores sociais em comunidades virtuais e são, também, atos de identidade, já que comunicam sentidos para a própria rede de relações do ator que comenta (SZABLA; BLOMMAERT, 2017 apud BIAR, PASCHOAL, 2020, p.1055).

A narrativa em interação

Tendo visto algumas características sobre formas narrativas, neste trabalho tentaremos alinhar tais teorias a uma perspectiva interacional (BASTOS, 2005; MOITA LOPES, 2002; PEREIRA; CORTEZ, 2011). No entanto, apesar de adotarmos as características labovianas, estaremos atentos a essas narrativas não só como um fato que realmente aconteceu no passado, como define Labov ([1972], no prelo), mas também como uma construção social (BASTOS, 2005, MOITA LOPES, 2002). A narrativa, dessa forma, não se trata de algo que aconteceu no mundo “real”, mas de uma construção mental, uma interpretação ou reinterpretação de uma experiência. Bastos (2005, p. 78), ao falar dessa perspectiva, explica que

as histórias que contamos são situadas na sequência conversacional: uma primeira história é diferente de uma segunda; os diferentes prefácios vão suscitar diferentes manifestações dos ouvintes; a presença ou ausência das manifestações dos ouvintes terão impacto nos enunciados do narrador, etc. É nesse sentido que dizemos que as narrativas são necessariamente co-construídas.

Tomada essa noção, entendemos a narrativa como uma prática social. Assim, as narrativas se tornam uma chave para problematizar as relações sociais, visto que ela se dá no processo dialógico da linguagem entre nós e os outros. Nesse sentido, Bakhtin reflete sobre o dialogismo que

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2003, p. 302).

A dialogicidade da linguagem torna-se um fator importante a ser recuperado, ao entender as narrativas em sua perspectiva interacional, principalmente, em esferas digitais, visto que nem sempre aquilo que é escrito e postado por um usuário possui uma resposta, uma interação direta. Percebemos que mesmo que não seja perceptível uma interação aparente, no uso de linguagem estaremos sempre moldando os nossos discursos com base em possíveis leitores/ouvintes.

Apesar de nossos dados se tratarem de uma interação on-line, eles recuperam características comuns de uma conversação em contexto oral. Recuero (2014) aponta essa característica da

interação on-line ao falar sobre o trabalho de face nos comentários de *posts* de redes sociais como o *Facebook*. Com isso refletimos que

a apropriação das ferramentas textuais da mediação do computador passou a indicar uma simulação da conversação e uma percepção de uso conversacional (Herring (1996) explica, por exemplo, o uso das palavras “falar”, “dizer” e etc. como referência ao que foi escrito a alguém na Internet) (RECUERO, 2014, p. 115).

Por isso, é normal nos depararmos com características que fogem de uma estrutura fiel das grandes narrativas em histórias elaboradas em formatos de comentários nas redes. Todavia, isso não quer dizer que essas histórias não contenham, também, aspectos do que dispõe uma narrativa Laboviana, por exemplo. Portanto, nosso intuito com esse trabalho é justamente analisar e perceber os processos de construções das pequenas narrativas selecionadas, as quais foram retiradas de um contexto de interação on-line que possuem um objetivo específico: concordar ou não com uma determinada publicação.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de caráter qualitativo e interpretativista, visto que o objetivo principal ao analisar a narrativa gerada é investigar intimamente o discurso do narrador, considerando os aspectos subjetivos e que estão por trás do que está sendo contado. Essa metodologia é pautada na observação de ângulos pessoais dos indivíduos e sua função é ter um olhar explorador diante do que é construído socialmente no dia a dia.

Santos e Bastos (2013, p. 25), refletem, dessa forma, que a “tarefa de pesquisa de um interpretativista consiste em entender e interpretar como os diferentes participantes de uma dada realidade constroem significados para o mundo que habitam”. Trabalhamos com a ideia de que o analista não é passivo na produção de conhecimento e que a produção discursiva está sempre ligada a valores ideológicos e políticos, não sendo possível produzir discursos “neutros”, como bem destaca Fabrício (2006) ao refletir sobre os rumos da Linguística Aplicada Contemporânea.

Dezin e Lincoln (2006, p. 17) destacam justamente essa ideia, explicando que

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos — estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais - que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos.

Sendo assim, uma conversa natural das nossas rotinas pode ter um valor grande para a pesquisa, já que a todo momento estamos lidando com questões sociais problemáticas e construindo, despretensiosamente, possíveis materiais. Questionamentos acerca do ponto de vista social nos permite desenvolver estudos muito importantes sobre as nossas relações em sociedade.

A pesquisa de cunho interpretativo permite que o pesquisador investigue mais profundamente sobre o tema, considerando a subjetividade presente no objeto de estudo que está sendo pesquisado. Por isso, entendemos que este tipo de pesquisa é bastante singular, já que os conhecimentos e ideologias do pesquisador são fatores cruciais para o seu desenvolvimento. Assim,

os pesquisadores da área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma

visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Portanto, o modelo de pesquisa qualitativo e interpretativo mostra-se essencial em uma análise da narrativa para além de sua estrutura. O intuito não é deixar de lado como se ocorre a disposição da narrativa, mas sim focar também em uma busca dos valores sociais que estão encobertos na história contada.

Mishler (1986), em seus estudos sobre narrativa, entende que mesmo que só nos debrucemos sobre os elementos estruturais labovianos da narrativa, ainda sim, estaremos interpretando. O que define ser ou não uma avaliação, por exemplo, é a perspectiva do analista sobre determinado dado. Além disso, para o autor, até o próprio ato de transcrever, e selecionar os dados, é uma forma de interpretação, pois aquilo que é tido ou não como relevante trata-se de um processo pessoal.

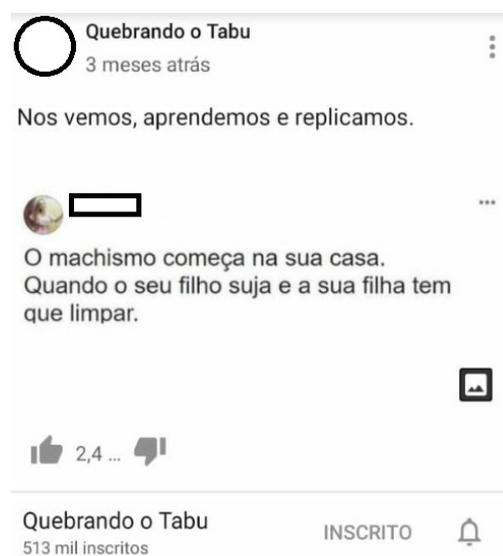
Dessa forma, a metodologia desta pesquisa será pautada na seleção de três comentários da plataforma *Youtube*, de uma postagem feita pela página chamada *Quebrando o Tabu* na aba comunidade. O post traz um *Tweet* que aborda a divisão de tarefas domiciliares e como elas, em sua maioria, reforçam estereótipos sexistas. Em seguida, analisaremos os comentários suscitados por essa publicação disparadora. A seleção de comentários foi feita a partir da busca de comentários que construíssem narrativas sobre o contexto familiar.

“Nos vemos, aprendemos e replicamos”: a postagem do canal *Quebrando o Tabu*

Esta seção tem como objetivo analisar os comentários dispostos em uma publicação na aba comunidade do *Quebrando o Tabu*. A publicação foi feita em agosto e gerou por volta de 2,4 mil curtidas e 101 comentários. Para esta análise selecionamos 3 comentários, dispostos abaixo da publicação. Apesar de serem dados de livre acesso ao público, adotamos nomes fictícios, sendo eles: Maria, Ana e Daniela.

O post que irá suscitar os comentários é o que vemos na figura 1. Ele traz uma publicação de outra rede social, o *twitter*, no qual uma usuária diz “O machismo começa na sua casa. Quando seu filho suja e sua filha que tem que limpar”. Tal tweet demonstra um aspecto que está entranhado em nossa cultura: o machismo. O *print* feito do post do *twitter* viaja e chega na plataforma do *Youtube* pelo canal *Quebrando o Tabu*, que adiciona a seguinte legenda “Nos vemos, aprendemos e replicamos”, o que provoca uma discussão.

Figura 1. “Nos vemos, aprendemos e replicamos”



Fonte: Comunidade no Youtube do canal *Quebrando o Tabu*¹

A partir desse post disparador do canal *Quebrando o Tabu*, iniciamos a nossa análise sobre as narrativas selecionadas retiradas dos comentários (figuras 2, 3 e 4), apontando os aspectos narrativos propostos por Labov ([1972], no prelo) e as concepções de pequenas narrativas.

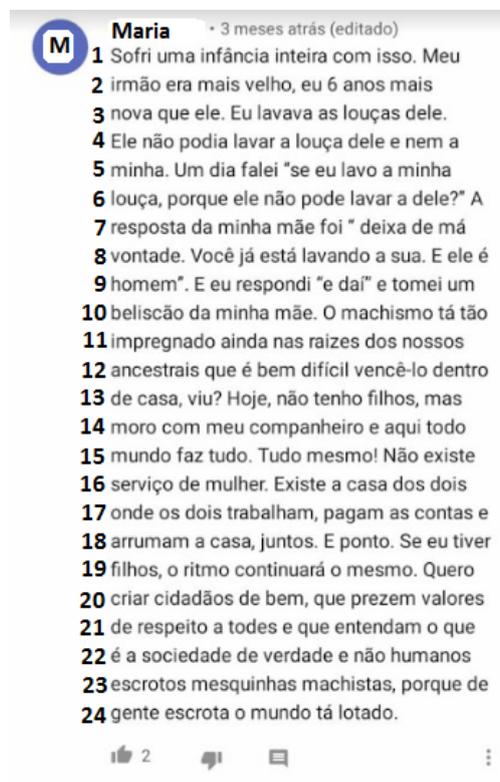
As narrativas a seguir tratam-se de comentários feitos primeiramente por Maria, em seguida por Ana, e em último por Daniela, elas contam histórias da infância frente às práticas sociais machistas presentes em suas casas.

Narrativa 1: “Sofri uma infância inteira com isso”

Na figura 2, observamos a construção de uma narrativa feita por Maria. Considerando que a história começa a ser contada a partir do estímulo da publicação (figura 1) cujo tema é o machismo, temos um recurso anafórico na linha 1 que liga a publicação ao relato que ela conta a seguir. Assim, a narradora diz: “Sofri uma infância inteira com isso”, remetendo-se justamente à divisão de trabalho doméstico que a publicação que ela responde suscita. Podemos destacar que esse trecho funciona como o *Resumo* da narrativa.

Em seguida, é possível notar que Maria orienta os leitores acerca do contexto ao qual sua história acontecerá, destacando o tempo, o espaço e os personagens envolvidos (linha 1 a 8). Portanto, percebemos que a história contada será sobre um evento do passado, na própria casa de Maria, sendo os personagens: sua mãe e seu irmão, 6 anos mais velho do que Maria, além dela mesma. Percebemos nessa história a importância da etapa da *Orientação* para o enredo da história, visto que ao destacar a diferença de idade entre ela e seu irmão, ela parece utilizar isso como um recurso argumentativo, visto que mesmo ela sendo mais nova, ainda sim, tinha que “cuidar” de seu irmão.

Figura 2. “Sofri uma infância inteira com isso”



Fonte: Comunidade no Youtube do canal *Quebrando o Tabu*²

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/post/UgzU4XXpMeQEfE9zJSN4AaABCQ>. Acesso em: 10 set. 2020.

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/post/UgzU4XXpMeQEfE9zJSN4AaABCQ>. Acesso em: 10 set. 2020.

Após a contextualização da história, é apresentada a Ação Complicadora (linhas 5 a 10), único elemento obrigatório da narrativa segundo Labov ([1972], no prelo). Nessa etapa, então, Maria conta o que aconteceu, ou seja, o elemento responsável por desencadear a sequência de acontecimentos que deu vida à narrativa. Assim, notamos que a situação principal foi um episódio em que a mãe mandou que Maria fosse lavar a louça, tanto a dela quanto a do irmão, apesar de ele ser mais velho, seguido de um questionamento sobre o porquê de ela lavar a louça dela e o irmão não lavar a dele, o qual gerou como resposta da mãe: “Deixa de má vontade, você já está lavando a sua. E ele é homem” (linhas 7 a 9). Esse episódio na vida de Maria foi um dos exemplos que ela encontrou e escolheu inserir em sua narrativa para expressar que vivia em um ambiente familiar machista durante a sua infância, contextualizando o que era exposto na postagem disparadora. A sequência dos fatos descritos pela narradora nas linhas seguintes demonstra sua desaprovação quanto aos ideais implantados pela sua mãe durante a sua infância.

A etapa da *Avaliação* (linhas 15 a 24), também está presente na história contada, através de uma suspensão, em que ela para de contar a história para dar o seu ponto de vista. Nessa etapa, segundo Labov ([1972], no prelo), encontramos a motivação da narradora para contar sua história. De acordo com o que Maria contou, podemos perceber que sua intenção é demonstrar que o machismo dentro de casa era algo comum na sua infância, apesar de ela não concordar com as ideias implantadas por ele. Além disso, vemos também a necessidade de Maria de expor o seu ponto de vista acerca do tema e de demonstrar que apesar de isso ter sido algo ensinado dentro da sua casa, ela escolheu não repetir os padrões familiares machistas que vivenciou antigamente. O que nos leva justamente ao *Resultado* da narrativa.

Nomeado como *Resultado* ou *Solução* da narrativa por Labov ([1972], no prelo), percebemos que essa etapa também está presente na história de Maria, sendo o desfecho da história o fato de que ela implementou regras diferentes na casa dela, agora adulta, a qual compartilha com o Marido. Vemos que ela decidiu não reproduzir os comportamentos machistas que a desagradava em sua infância ao demonstrar que divide as tarefas com o seu companheiro, apesar de ele ser homem, coisa que na sua casa anterior era algo incomum. Percebemos, dessa forma, que aspectos de gênero podem ser mudados nas nossas práticas sociais, visto que eles não são naturais, mas culturais, conforme apontamos ao falar sobre sexismo.

Maria também aponta que ainda não tem filhos, mas que se tiver, “o ritmo continuará o mesmo”, explicitando que os ideais machistas dentro de casa vão contra o que ela considera positivo para bons relacionamentos sociais. Assim, ela termina sua narrativa mostrando tal posicionamento ao dizer: “Quero criar cidadãos de bem, que prezem por valores de respeito a todes³, e que entendam o que é sociedade de verdade (...)”.

Apesar de a narrativa ser praticamente canônica, sendo composta por quase todos os elementos de uma narrativa laboviana, havendo apenas a não presença da *coda*, isso não dispensa a ideia de que ela seja considerada, também, uma pequena narrativa ou, ao menos, que ela possua características desse tipo de narrativa. Como exemplo disso, temos a *Orientação* que nessa narrativa assume uma importância para o enredo tanto quanto a *Ação Complicadora*. Os elementos da narrativa, dessa forma, se revelam fluídos podendo assumir mais uma função na narrativa.

Portanto, outros aspectos também podem ser observados na narrativa. Um ponto que diferencia a narrativa selecionada das grandes narrativas e que pode, por isso, a classificar também como uma pequena narrativa seria o modo como ela foi propiciada, através do estímulo de uma postagem, em forma de comentário e por uma atitude espontânea da narradora de expor um ponto de vista sobre o tema em questão utilizando uma história de sua vida como exemplo. Assim, a narrativa foi criada em um contexto de interação natural, com o objetivo de iniciar uma discussão específica.

O fato de a narrativa ter sido criada em um contexto de interação social genuína e especificamente estar envolvido com um tema que provoca discussões, notamos a importância que os usuários das redes sociais demonstram dar sobre a criação de posicionamentos sociais,

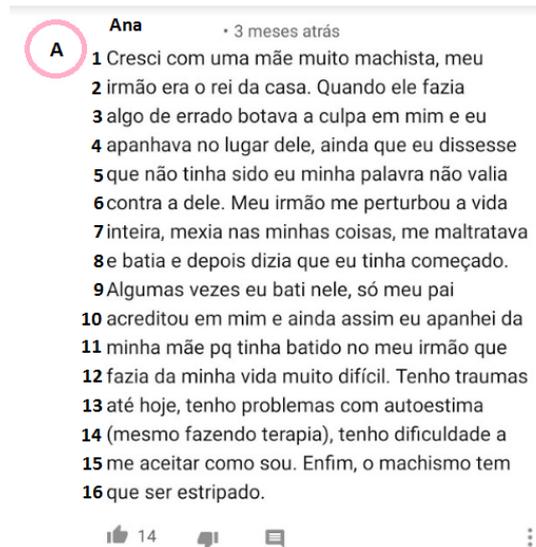
3 Destaca-se aqui o uso do pronome indefinido “todos” de forma neutra. Esse tipo de uso é utilizado para abarcar outras identidades de gênero, como por exemplo, a de pessoas não binárias. É possível dizer que o termo surgiu também como uma forma de protesto contra um sistema sexista e que demonstra, assim, um processo de ativismo linguístico na luta contra o patriarcalismo na língua.

de argumentos e de construírem suas identidades como uma forma de discordar de determinada problemática. Vemos isso ao longo de toda a construção da narrativa de Maria, que faz questão de se posicionar e se mostrar ativa diante de uma luta pelo combate ao machismo. Dessa forma, implementação de debates, lutas por causas sociais e posicionamentos são algumas das atribuições dadas ao comentário, o qual pode, como vimos, facilmente ser apresentado de forma, inclusive, bastante argumentativa sobre um determinado tema, através de construção de narrativas.

Narrativa 2: “Cresci com uma mãe muito machista”

A segunda narrativa selecionada (figura 3) tem um formato um pouco diferente da primeira. Apesar de apontar também a maioria das etapas da estruturação narrativa de Labov ([1972], no prelo) não se caracteriza como uma narrativa canônica pelo modo como ela é construída. Dessa forma, podemos perceber logo no início (linhas 1 e 2) que a narradora apresenta o *Resumo* da sua história ao dizer “Cresci com uma mãe muito machista, meu irmão era o rei da casa”. Então, em seguida, ela dá continuidade à sua narrativa com base nessas afirmações iniciais.

Figura 3. “Cresci com uma mãe muito machista”



A Ana • 3 meses atrás

- 1 Cresci com uma mãe muito machista, meu
- 2 irmão era o rei da casa. Quando ele fazia
- 3 algo de errado botava a culpa em mim e eu
- 4 apanhava no lugar dele, ainda que eu dissesse
- 5 que não tinha sido eu minha palavra não valia
- 6 contra a dele. Meu irmão me perturbou a vida
- 7 inteira, mexia nas minhas coisas, me maltratava
- 8 e batia e depois dizia que eu tinha começado.
- 9 Algumas vezes eu bati nele, só meu pai
- 10 acreditou em mim e ainda assim eu apanhei da
- 11 minha mãe pq tinha batido no meu irmão que
- 12 fazia da minha vida muito difícil. Tenho traumas
- 13 até hoje, tenho problemas com autoestima
- 14 (mesmo fazendo terapia), tenho dificuldade a
- 15 me aceitar como sou. Enfim, o machismo tem
- 16 que ser estripado.

👍 14 🗨️

Fonte: Comunidade no Youtube do canal *Quebrando o Tabu*⁴

Podemos notar que a narrativa da figura 2 possui aspectos das pequenas narrativas na medida em que Ana se reporta a diversos eventos passados da sua vida para responder a postagem provocativa. Assim, ela conta sua história apontando diversos momentos diferentes da sua infância. Um recurso linguístico usado por Ana que pode funcionar como um marcador de que sua narrativa não segue o padrão de narrativas labovianas é o uso do tempo verbal no pretérito imperfeito do modo indicativo. Em passagens como “Quando ele fazia algo de errado, botava a culpa em mim e apanhava no lugar dele [...]” (linhas 2 a 4); “Meu irmão me perturbou a vida inteira, mexia nas minhas coisas [...]” (linhas 6 e 7) podemos perceber que Ana se refere a situações que ocorreram algumas vezes no seu passado e que não são coisas pontuais de uma história específica, demonstrando uma recorrência de determinadas ações durante seu crescimento, um hábito, algo que Labov desconsidera em seus estudos.

Apesar de Ana apresentar na história os atores envolvidos na narrativa, como seu pai, sua mãe e seu irmão, percebemos que não há uma *Orientação* tipicamente laboviana, que explicita um lugar específico e nem um tempo específico na narrativa, mas sim uma fase de sua vida, a de crescimento. Nas mesmas passagens destacadas anteriormente (linhas 2 a 9), podemos considerar

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/post/UgzU4XXpMeQEfE9zJSN4AaABCQ>. Acesso em: 10 set. 2020.

que Ana iniciou a *Ação complicadora* de sua história, apresentando uma sequência de fatos passados para utilizar como argumentos, a fim de deixar claro o que a motivou a criar a sua narrativa, o que nos leva para a próxima etapa da estruturação proposta por Labov ([1972], no prelo).

Percebemos a *Avaliação*, nessa narrativa, de forma encaixada, como, por exemplo, através de adjetivos que qualificam a mãe como “machista”, e o irmão como o “rei da casa” e em trechos em que ela diz “fazia da minha vida muito difícil” (linha 12). A avaliação nessa narrativa, diferentemente da de Maria, não se constrói em uma parte única, através de uma suspensão, mas em vários momentos da própria narrativa.

Podemos perceber que a narradora utilizou o recurso do comentário, assim como Maria, como uma forma de evidenciar seu ponto de vista sobre a polêmica temática do machismo e argumentar sobre ele. Dessa forma, vemos que o recurso de contar histórias através dos comentários pode funcionar como uma ferramenta de expressão e defesa de um ponto. É nessa direção que Ana escreve sua narrativa, com o objetivo de reivindicar sobre o tema e expor a sua opinião sobre algo que para ela parece ser importante. Ana constrói uma identidade que se desprende daquilo que, muitas vezes, ainda é esperado socialmente de uma mulher: tomar os afazeres domésticos como parte de seu destino. Assim, a narradora se alinha com o que é debatido e discutido por feministas através de suas experiências pessoais.

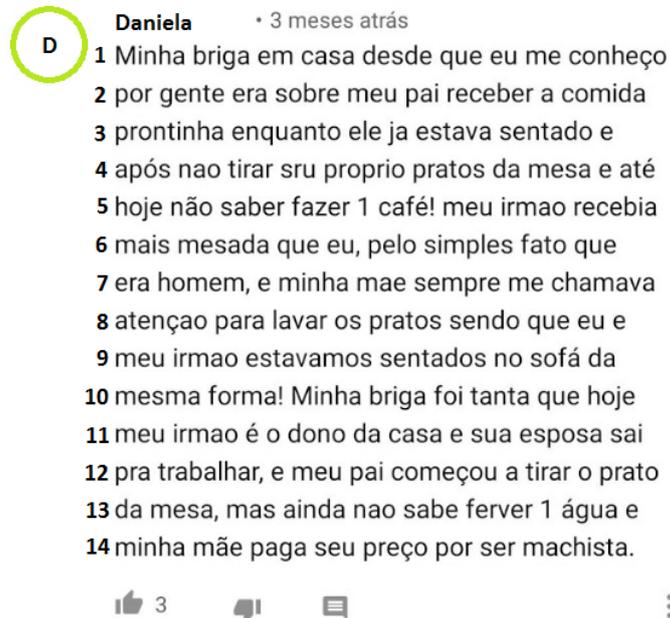
O *Resultado* é apresentado por Ana nas linhas 12 a 16. É possível notar que a narrativa não possui uma sequencialidade de início, meio e fim como as grandes narrativas, mas sim de apresentação de fatos. Nas linhas 11 e 12 vemos que há uma ruptura dessa apresentação passando direto para o *Resultado*, sendo ele o fato de Ana possuir traumas até hoje, como problemas de autoestima e dificuldade de aceitação, como descrito por ela nas linhas 12 a 15.

Diferente da narrativa de Maria, a de Ana apresenta a etapa da *Coda*, em que ela utiliza uma estratégia para demonstrar que sua narrativa chegou ao fim. Podemos dizer que os episódios destacados por Ana nas linhas 1 a 12 são as motivações das consequências da pessoa que ela se tornou hoje, como ela apresentou no *Resultado*. Assim, no próprio resultado podemos dizer que ela já desenvolveu também uma estratégia para fechar sua história, podendo ser considerada também como uma *Coda* na narrativa. No entanto, ela apresenta, ainda, nas linhas 15 e 16 outra estratégia para finalizar de vez a sua narrativa. Ao dizer “Enfim, o machismo tem que ser estripado”, o próprio uso do advérbio “Enfim” expressa que ela está finalizando, além de Ana apresentar uma frase de impacto final que foi gerado como uma reflexão acerca do que ela narrou. Desse modo, a narradora desenvolve, então, a chamada *Coda disjuntiva*, com a intenção de demonstrar que não há mais nada a ser dito na sua história. A *Coda*, nesta narrativa também carrega outra função, a de avaliação, visto que ela também tem como função exprimir uma opinião, uma avaliação sobre determinada estrutura social, o machismo.

Narrativa 3: “minha mãe paga o preço por ser machista”

A terceira e última narrativa selecionada (figura 4) traz uma questão interessante sobre as estratégias utilizadas por Daniela para criar sua narrativa. Podemos perceber que ela cria camadas narrativas ao elaborar dentro de sua história duas pequenas narrativas. A primeira seria a história contada nas linhas 1 a 5 e a segunda, nas linhas 5 a 10.

Figura 4. “minha mãe paga o preço por ser machista”



Fonte: Comunidade no Youtube do canal *Quebrando o Tabu*⁵

Sobre a estrutura dessas “subnarrativas”, não encontramos *Resumos* em nenhuma delas, uma vez que Daniela já as inicia contando fatos que ocorreram no passado. Assim como Ana, ela também não elabora uma *Orientação* em sua narrativa. Apesar de deixar claro também que tais situações ocorriam dentro de casa e entre seus familiares, ela não especifica o lugar no tempo em que os fatos aconteceram, demonstrando que eles eram recorrentes no seu passado e que foram situações que aconteceram mais de uma vez. Podemos perceber isso pelo uso do mesmo recurso do tempo Pretérito Imperfeito do Indicativo.

A *Ação Complicadora* da narrativa da Daniela seria justamente as duas “subnarrativas” criadas como argumento para o seu ponto de vista final, uma vez que ela apresenta uma sequência de fatos (linhas 1 a 10). Entretanto, não há também, assim como na narrativa de Ana, uma sequência de fatos que ocorreram em um sentido linear, mas fatos soltos que aconteceram em alguns momentos e repetidas vezes.

A narradora expõe acontecimentos que ocorreram na sua família e avalia que eles foram modificados por conta de sua insistência, argumentando que para que um comportamento possa ser alterado é preciso “muita briga”. Isso é expresso na linha 10, em que Daniela diz “Minha briga foi tanta que...” demonstrando que por conta de sua briga, alguns comportamentos dos seus familiares que a incomodavam mudaram. Assim, a *Avaliação* da narrativa de Daniela pode ser percebida nas linhas 10 a 14, através de uma suspensão, em que ela interrompe a narrativa para mostrar seu ponto de vista, o qual expressa, justamente, a motivação de sua história. Nesse trecho, podemos perceber a construção identitária presente na narrativa, ficando clara a posição de Daniela como uma mulher agente e o seu interesse em transformar os pensamentos e atitudes das pessoas que ratificam práticas machistas.

Em seguida, nas linhas 11 a 14, Daniela apresenta o *Resultado* de sua história, o qual foi motivado por sua luta comentada anteriormente. Assim, a narradora destaca uma mudança de comportamento do irmão, que antes não lavava prato e recebia mais dinheiro e que agora é dono de casa (linhas 10 e 11), papel normalmente, ainda, associado mais à mulher; e o do seu pai que antes não tirava o prato da mesa e agora tira, apesar de não saber ferver uma água (linhas 13 e 14). E finaliza ainda esclarecendo que sua mãe sofre as consequências da sua escolha de ser machista (linha 14). Apesar de essa última frase finalizar sua narrativa, não podemos considerá-la como uma *Coda*, pois ela não indica necessariamente que a narrativa foi finalizada e que não há nada mais

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/post/UgzU4XXpMeQE9zJSN4AaABCQ>. Acesso em: 10 set. 2020.

a ser dito. Assim, essa narrativa, assim como a primeira, também não apresenta essa etapa da estrutura proposta por Labov ([1972], no prelo).

Portanto, podemos concluir a partir da análise das três narrativas que os comentários podem servir como um espaço de elaboração de pequenas narrativas, dando oportunidade para os narrados criarem suas histórias a partir de uma perspectiva de narração interacional. Sendo assim, vimos que essa construção se dá a partir de uma postagem que serve como uma ferramenta de estímulo para que as narradoras contem suas histórias, sendo livres para trazer e discutir questões sociais, apresentar ideias, desabafar etc. através desse processo.

Outro ponto importante de ser destacado que foi percebido na análise é que embora as narrativas em forma de comentários se diferenciem das grandes narrativas, por conta do contexto em que são geradas e por terem um tamanho menor, não significa que elas não possam ser canônicas e que não sigam a estrutura narrativa proposta por Labov ([1972], no prelo). Como vimos, a primeira narrativa seguiu majoritariamente a ideia do autor e pode ser considerada como uma narrativa canônica, enquanto as outras duas, apesar de não serem um modelo fechado da ideia de Labov ([1972], no prelo) apresentam, também, algumas etapas da estrutura sugerida por ele.

Considerações Finais

Nesta reflexão buscamos perceber como as narrativas se constroem quando estão dispostas em forma de comentários em redes sociais. Podemos concluir, a partir disso, que na interação selecionada como corpus, em específico, as narrativas parecem funcionar como uma forma de potencializar a construção argumentativa do ponto de vista que as narradoras parecem defender: a mudança de práticas machistas em nossa cultura.

Um ponto importante de ser destacado acerca das narrativas selecionadas é o fato de que todas as narradoras são mulheres que defendem a luta contra o machismo. As identidades construídas são de mulheres que não se submetem ao que o sexismo estabelece como um ideal de mulher: a que lava, passa, cozinha etc. Isso demonstra uma postura agentiva dessas mulheres perante as discussões de igualdade de gênero.

Em relação à estrutura que as narrativas possuem, observamos que podem ou não assumir o que é chamado de narrativa canônica, conforme conceituou Labov ([1972], no prelo). No primeiro comentário, percebemos a ocorrência de uma narrativa quase tipicamente laboviana, não aparecendo somente *coda* narrativa. As outras, no entanto, assumem uma construção diferente, sendo desenvolvidas a partir de acontecimentos que se deram de forma repetida na vida das narradoras e não de um momento específico. Isso demonstra o caráter fluido e heterogêneo de narrativas construídas em contextos interacionais, conforme postulam as teorias acerca das pequenas narrativas, que não apresentam um modelo padronizado.

Referências:

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003/ [1979].

BAMBERG, M. Stories - big or small - why do we care? In: **Narrative Inquiry**, v. 16, n. 1, Amsterdã, 2006, p. 139 - 147.

_____. GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text and Talk**, v. 28, n. 3, 2008, p. 377 - 396.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**. vol. 3, n. 2, maio/agosto, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/21840738/Contando_est%C3%B3rias_em_contextos_espont%C3%A2neos_e_institucionais_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_estudo_da_narrativa. Acesso em: 25.set.2020.

_____. Narrativa e vida cotidiana. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1º sem.

2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548>. Acesso em: 22.set.2020.

_____; SANTOS, W. S dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa – perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro. Quartet/ FAPERJ, 2013.

_____. BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00097.pdf>. Acesso em: 25.set.2020.

BIAR, L. A. PASCHOAL, F. V. C. “(Não) leia os comentários”: a disputa da notícia sobre o assassinato de marielle franco. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (59.2), mai./ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v59n2/2175-764X-tla-59-02-1051.pdf>. Acesso em: 18.set.2020.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e a subversão da identidade**. 18° edição. Trad. Renato Aguiar. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2019.

_____. Actos performativos e constituição de gênero – Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: -----. **Genero, Cultura Visual e Performance**. Organização Ana Gabriela Macedo e Francesca Rayner. Ribeirão: EDIÇÕES HÚMUS, 2011. p. 69 -88.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Trad: Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed. 2006.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada Como Espaço de “Desaprendizagem”. In: -----. **Por Uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. Luiz Paulo Moita Lopes (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

GARCEZ, P. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: -----. **Narrativa, Identidade e clínica**. Organização Branca Telles Ribeiro, Cristina Costa Lima, Maria Tereza Lopes Dantes. Rio de Janeiro. IPUB, CUCA, 2001. p.189-214.

GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories, interaction and identities**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2007

GOFFMAN, E. **Gender advertisements**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1976.

LABOV, W. A Transformação da Experiência em Sintaxe Narrativa. Trad. In: **Narrativa e Interação: Estudos Interdisciplinares** (título provisório). Org. Liliana Cabral Bastos e Branca Telles Ribeiro, [1972], no prelo.

MISHLER, Elliot. **Research interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

PEREIRA, M.G.D. DIAS, F. H. Narrativas de deslocamento de jovens em intercâmbio Internacional: construções de identidade nas “fronteiras” em Cidades do interior de minas gerais. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 16(2), 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7480/6194>. Acesso em: 20.set.2020.

_____. CORTEZ, C. M. Narrativas como práticas de agentes comunitárias: a fala ‘no’ e ‘sobre’ o trabalho em uma reunião sobre o tratamento da tuberculose. **Calidoscópico**, Vol.

9, n. 2, 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.92.01/412>. Acesso em: 21.set.2020.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acesso em: 15.set.2020.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In: ATKINSON; J. Maxwell; HERITAGE, John (Org.). Structures of social action. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 – Tradução: Felipe Portela, Priscilla Pellegrino e Vívian Gomes. Em **Veredas on line** – Atemática – vol. 1, 2007. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/traducao.pdf>. Acesso em: 17.set.2020.

SOUSA, L. P DE, ROCHA, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, V. 30 (87), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>. Acesso em: 25.set.2020.

Recebido em 15 de novembro de 2020.

Aceito em 09 de março de 2021.